

HALÍK, Tomás. **A noite do confessor: a fé cristã num mundo de incerteza.** Tradução de Maria do Rosário Pernas. Petrópolis: Vozes, 2016. 239 p.

*Paulo Stippe Schmitt**

Escrito em 2005, “A noite do confessor”, do padre checo Tomás Halík, chega agora ao Brasil em tradução portuguesa. O livro é fruto do tempo de reflexão que seu autor costuma realizar num eremitério na Renânia, todos os anos. O fio condutor dos dezesseis capítulos da obra é a experiência de confessor do autor, não como reminiscências, mas como elaboração do conjunto dos sentimentos trazidos à tona pelos penitentes e pelo próprio padre, permeados pela crise da modernidade e a descristianização da religiosidade inerente ao ser humano. A partir daí, Halík se propõe escrever sobre a fé num tempo de incertezas, vivendo o paradigma dos paradoxos próprio da fé. Neste tempo, “será uma fé feita de resistência e da esperança que ‘talvez, apesar de tudo’, haja sentido no meio dos absurdos da existência” (p. 10). A busca do sentido da vida faz o ser humano questionar-se sobre si mesmo, sobre o mundo e sobre Deus. A fé é uma resposta possível a algumas dessas perguntas, mesmo que no frágil horizonte do paradoxo. “‘A lei é clara’, mas a vida é complexa e multivalente; às vezes, a resposta certa é ter a coragem e a paciência de continuar fazendo a mesma pergunta” (p. 15).

O autor propõe uma “teologia do paradoxo”, que já vê traçada desde são Paulo, Tertuliano, Orígenes, Agostinho, depois passando por Mestre Eckhart e são João da Cruz, Pascal e Kierkegaard, e chegando aos contemporâneos John Caputo, Jean-Luc Marion e Nicholas Lash, o autor preferido de Halík. Trata-se não de uma teologia especulativa, mas de um movimento que se alinha com a teologia negativa – caracterizar Deus por aquilo que ele não é – e que tem por intento atingir a profundidade do objeto teológico, o Deus escondido. Os paradoxos da fé são postos desde o ponto de partida bíblico, tanto no Antigo quanto no Novo Testamento, culminando no mistério da Páscoa de Jesus, vida que vence a morte através da morte. O Reino de Deus é marcado pela realização do impossível para este mundo, mas Deus convida os seres humanos para

* Bacharel em Filosofia (Faculdade de São Luiz, Brusque, SC), Bacharelado em Teologia (FACASC) e Pós-graduando em Catequese – Iniciação à Vida Cristã (FACASC).



entrarem em diálogo com ele e atravessarem a cortina do possível para as forças humanas e se tornarem “agentes do impossível” (p. 29).

Tal acolhida do Reino exigirá fé, mas que tipo de fé? O autor faz uma nova e interessante análise da resposta dada por Jesus à pergunta dos seus apóstolos: “Senhor, aumenta nossa fé”. “Se tivésseis fé do tamanho de uma semente de mostarda...”. Interpretando essa resposta a partir do paradoxo, poder-se-ia dizer que Jesus não quer apostar suas fichas numa fé grande, aumentada, mas, pelo contrário, é necessário simplificá-la, diminuí-la, torná-la do tamanho de um grão de mostarda. Talvez a fé dos apóstolos, quisesse ser grande demais, feita de muitas certezas – e a fé não se dá nas certezas, mas na angústia, como disse Kierkegaard. A fé simples não se confunde com a fé fácil, porque entra no horizonte da crise da religião e alcança aí o fundamental da fé, a adesão a Deus por si. Será necessário morrer a fé complexa para ressuscitar a fé como grão de mostarda, pequena e cheia de poder (p. 38).

Deus ultrapassa a capacidade humana de compreender. Sua mensagem vai além de nossos limites e nos instiga a crer, mesmo que frente aos paradoxos. “Se nós nunca sentimos que aquilo que Jesus quer de nós é absurdo, louco e impossível, então provavelmente ou fomos demasiado precipitados a domar ou diluir a natureza radical do seu ensinamento, mediante interpretações racionais e tranquilizantes, ou (sobretudo ingênua, ilusória e até hipocritamente) esquecemos com demasiada facilidade até que ponto – no nosso pensamento, costumes e ações – estamos enraizados ‘neste mundo’, em que se aplicam regras completamente diferentes” (p. 42).

A proposta do Reino de Deus convoca à confiança nele, que tudo pode realizar. Os discípulos de Jesus, de ontem e de hoje, são chamados a derrubar suas barreiras mentais para alcançar as coisas impossíveis, cheios de esperança, que é a forma da fé neste mundo, “[...] aquela força colossal que se recusa a desistir, e que diz ‘não obstante’ e ‘mais uma vez’” (p. 47).

Na contemplação proporcionada pelo eremitério, Halík encontra-se inclinado para a “adoração do Deus invisível”. Diante da hóstia consagrada que está em seu espaço de oração e reflexão, o padre propõe-se a meditar sobre a *kénosis* divina ali mais uma vez expressa, noutra grande paradoxo: Deus invisível, presente num pedaço de pão. Quatro autores perpassam sua mente, a partir desse tema: Teilhard de Chardin, com seu otimismo frente à transformação do mundo e sua condução de tudo ao Cristo cósmico; Dietrich Bonhoeffer, que considerava a destruição do sistema religioso pelo



Iluminismo e propunha uma nova linguagem para falar de Deus, vivendo a transcendência neste mundo como testemunho de fé; Karl Rahner, que discorreu sobre o ocultamento de Deus a partir da teologia negativa e pensou a fé como “participação existencial das pessoas na vida de Deus”, que se tornou humano para mostrar ao homem o caminho para tornar-se mais homem (p. 62); Urs von Balthasar, que refletiu sobre o mistério do ser que questiona todos os seres humanos. Os dois primeiros pensadores estão em oposição frente à visão de mundo, mas alcançam harmonia na tarefa humana que daí procede e, aí, unem-se aos dois últimos para falar da ética cristã e de sua abertura a todos os que vivem o amor e a solidariedade com os que estão longe, física e espiritualmente.

Das reflexões sobre a natureza da fé, o autor passa a aplicações práticas da mesma fé, tratando-a como “fé discreta”. Ele declara certa irritação frente aos “entusiastas religiosos”, ao mesmo tempo em que se define como cético. “Sou um cético por natureza, e aquilo que provavelmente me fez chegar à fé foi a minha determinação em ser consistente. Talvez tenha sido isso que me fez ser cético em relação ao meu próprio ceticismo”. Uma definição de si mesmo em termos de paradoxo. Exemplo de entusiastas religiosos que o autor apresenta são os novos movimentos de renovação carismática na Igreja, conduzidos pela emoção, pelos encontros de massas. O autor questiona tal movimento desde motivos estéticos (superestruturas supérfluas, frente à beleza constituinte de Deus e da liturgia, na simetria de sua forma), chegando a razões mais profundas, como a certeza com a qual alguns encontros promovidos por tais movimentos anunciam a fé. A mesma crítica o autor fará aos que buscam fundamentar na ciência a fé, desconhecendo o objetivo diverso de cada âmbito do saber (que podem dialogar, sim, mas a partir da filosofia):

“Aquilo a que eu mais me oponho é à forma descaradamente informal como as pessoas aí presentes trombeteiam as importantes palavras da nossa fé através de auto-falantes. Ontem à noite, li dez vezes seguidas uma frase [de Nicholas Lash] que expressava precisamente aquilo que me tem afligido tão profundamente ao longo dos anos: ‘A tragédia da cultura ocidental moderna foi ter caído vítima da ilusão (largamente partilhada tanto por crentes quanto por não crentes) de que é facilímo falar acerca de Deus’ (p. 71). Deus não é um tema de conhecimento, mas um mistério profundo. ‘A verdade sobre Deus, e Deus como a verdade das nossas vidas, são realidades sempre paradoxais. Só estão dentro de nós se não tentarmos ‘agarrar-nos a elas’ e possuí-las de forma triunfante’ (p. 73). Crer é mergulhar no mistério de Deus, ir “para dentro” do mistério.



A Igreja é um instrumento provado nesse processo, mas que não exclui outros caminhos. Na sua busca de sentido, o ser humano encontra Deus em meio a luzes e sombras, num espaço de sobriedade e moderação. “A minha preocupação é que nossas certezas, demasiado grandes, demasiado ruidosas e demasiado humanas, corram o risco de obscurecer aquilo que é verdadeiramente impressionante: o Mistério, que gosta de falar através do seu ocultamento, e que esconde a sua grandeza naquilo que é pequeno e que mal se nota” (p. 79). Como falará em diversos momentos, recordando santo Agostinho, *si comprehendis, non est Deus*.

O ser humano não conhece tudo e tem a alegria de não ser Deus. Mas esse saber que não é Deus deve ser recordado a cada instante, pois a tentação, desde o paraíso original, é querer ser deuses (tanto entendida em chave tradicional, enquanto pecado original, quanto em chave moderna, em termos de narcisismo). A conversão pedida ao ser humano é o deixar de se compreender a si mesmo como deus para deixar a Deus o ser lugar. “A fé, se for uma fé viva, proporciona uma prevenção permanente e uma terapia contra a doença da autodeificação – essa doença cujo caráter pernicioso é muitas vezes menosprezado pela única razão de que vivemos numa cultura que não só está permeada dessa doença, mas que muitas vezes a proclama como uma virtude: o cume e a realização da vida humana – como ‘autorrealização’” (p. 108). O modo como o verbo ‘ser’ é empregado em relação a Deus difere da maneira como o empregamos noutras situações. Deus ‘é’ de modo absoluto, enquanto o ser humano é limitado. Sendo o ser de Deus infinito, um mistério, “a realidade [...] não tem fundo, está *radicalmente aberta* – e, por isso, nossa mente e o nosso coração devem permanecer *abertos*” (p. 105). A condição do ser humano coloca-o em diálogo com Deus, convida-o a abandonar-se Nele, faz com que suas responsabilidades sejam assumidas de maneira mais consciente – não somos responsáveis pela condução de toda a realidade.

Esse Deus é espírito, atividade, mais um verbo que um substantivo, como refletiu santo Tomás de Aquino (p. 133). Frente ao processo de descristianização – e Halík recorda uma pesquisa em que somente 15% dos jovens checos dizem saber do que se trata quando ouvem falar de cristianismo e que a República Checa talvez seja o país mais ateu do mundo, o que causa orgulho para alguns – a tarefa das igrejas será formativa, escolas de sabedoria cristã. A esfera da religião é parte inalienável da vida humana, uma das suas dimensões constituintes. Desse modo, “[...] aquilo que invadirá o campo religioso abandonado é algo que não deveria interessar apenas aos clérigos” (p. 139). Um dos caminhos possí-



veis, apontado pelo autor, é não cair em polarizações que queiram voltar a seguranças passadas nem que tendam para a religiosidade emocional. Mesmo que muitos continuem firmados nessas estruturas, “a mudança positiva só pode provir das profundezas, de uma profunda renovação teológica e espiritual” (p. 146). A Igreja, no paradoxo de sua fraqueza que manifesta a força de Deus, é chamada a anunciar a proximidade do anúncio pascal junto à vida das pessoas, mostrando que tudo está permeado por um sentido religioso, que não constitui um setor separado das demais dimensões da vida, mas enche todas as dimensões de esperança.

Alguns dos capítulos do livro se referem ao tempo em que a obra foi escrita, 2005, como os que refletem sobre a morte do papa João Paulo II (“o homem mais importante do último quarto do século XX”), a exibição da *Paixão de Cristo*, de Mel Gibson (o autor reflete sobre a imagem de Deus em meio à violência e ao sangue tão enfatizados no filme, apresentando o sacrifício de Jesus em viés pelagiano, distanciando-se da sobriedade dos Evangelhos), sobre os *reality shows Big Brother*. Sobre estes, por exemplo, Halík fala da intenção que subjaz ao formato do programa: reproduzir ao vivo a vida das pessoas, dar a impressão de que se pode saber mesmo o que pensam a cada momento, controlar suas vidas, sugere aos espectadores ocuparem o lugar de Deus, sua onisciência. Assim, na análise do autor, “o programa é uma espécie de liturgia pública da religião substituta de uma sociedade des cristianizada” (p. 161). Quando a sociedade deixa de acreditar em Deus, passa a por no seu lugar substitutos relativos.

A figura de Deus construída ao longo dos séculos pode colaborar negativamente para a rejeição de sua existência. Mas a verdadeira imagem de Deus não amedronta o ser humano com seu olhar que tudo observa. Na verdade, Deus está mais próximo do silêncio, da discrição, oferecendo sua bondade, como no sacramento da Reconciliação. A presença do confessor neste sacramento recorda que a vida é diálogo com o Outro. Divergindo dos *reality shows*, a confissão não é para o divertimento, mas para a acolhida e a mudança de vida. A ideia que esses programas fazem dos “confessionários” deturpa a matéria da confissão, transformada em conversa comercializável. Aqui o autor se depara com a falta de virtudes humanas e do cultivo da personalidade, que faz degenerar o sistema democrático quando extingue de sua base certo nível de educação necessário para a relação entre as pessoas, que não incentive a estupidéz e a vulgaridade.



Halík ainda inclui no seu livro palavras proferidas numa oração conjunta entre cristãos, judeus e muçulmanos, recordando a importância do diálogo entre as religiões e sua busca comum – a fé no Deus único. A área do diálogo inter-religioso é um dos enfoques do autor (ver seu outro livro traduzido ao português, *Paciência com Deus*). A esta altura do livro, o autor apresenta duas imagens de esperança, a partir do século XX: a Terra fotografada a partir da lua (que faz compreender a pequenez da humanidade diante de todo o universo) e o encontro dos líderes religiosos em Assis, sinal da busca comum da paz em Deus.

Por fim, considerando a crise contemporânea das mediações religiosas, mas vendo com otimismo o caminho que a fé pode suscitar ainda hoje, o autor convida para um “cristianismo de segundo fôlego”, que se fez o percurso da conscientização, tanto para aqueles que descobrem a mensagem de Jesus após um tempo de buscas por outras vias, quanto para os que desde pequenos já foram introduzidos nessa senda. Esta tarefa será a aquisição de olhos novos, uma experiência semelhante à dos discípulos de Emaús, que percebem a presença de Deus no paradoxo da Páscoa e adquirem, após o choque da morte, “uma segurança de ordem diferente” (p. 221). Um dos significados da palavra ‘religião’ pode ser ‘reler’, reinterpretar de forma não banal, lançar um segundo olhar sobre a realidade e perceber seu sentido profundo. A fé, então, não será infantil, nem vivida com a racionalidade iluminista ou o sentimentalismo romântico, mas experiência de vida em profundidade, contemplação. “A missão mais importante do confessor, que acompanha outros nas suas caminhadas espirituais, não será porventura ensinar-lhes a arte de estarem em silêncio e atentos, para distinguir e identificar as cifras de Deus nos acontecimentos das suas próprias vidas, e para *responder aos seus desafios através das suas próprias vidas?*” (p. 238).

Num balanço final, Halík diz que “a religião que agora está desaparecendo tentou eliminar os paradoxos da nossa experiência da realidade; enquanto a fé para a qual estamos amadurecendo, uma fé pascal, ensina-nos *a viver com paradoxos*”, sem perder a esperança, maior virtude para este nosso tempo.

E-mail do Resenhista:
paulostippe@gmail.com



A BIBLIA: NOVO TESTAMENTO. São Paulo: Paulinas, 2015.
Vários tradutores, 21 x 15cm, 638 p.

*Ney Brasil Pereira**

No ano do centenário da Congregação das Irmãs Paulinas, 2015, a Paulinas Editora lança a sua tradução do Novo Testamento, primeiro passo para a publicação de toda a Bíblia. Assim, mais uma Editora católica oferece a “sua” Bíblia, ao lado da Bíblia da Ave Maria – a pioneira – da Bíblia das Vozes, das Bíblias da Paulus (Bíblia de Jerusalém, Bíblia Pastoral, Bíblia do Peregrino), das Bíblias da Loyola (LEB e TEB: Tradução Ecumênica), da Bíblia da Santuário, além, também, da Bíblia da CNBB, lançada em 2001 e cuja revisão geral é esperada para breve.

Alguém poderia reclamar dessa “inflação” de Bíblias, fato que está acontecendo também com nossos irmãos evangélicos, antes fieis à tradução de Almeida, apresentada sem notas. Agora, há vários tipos de edição do Almeida, p. ex. a “Século XXI”, além das traduções “na linguagem de hoje”, Bíblias de estudo, com notas abundantes, mais a “Nova Versão Internacional” etc. E o principal motivo dessa “inflação” é o próprio fato de uma “tradução”, especialmente no caso da Bíblia, ser sempre uma interpretação relativa, não perfeita, do texto original. Por essa razão, cada nova tradução pretende ser, ao menos de algum modo, melhor, mais fiel, que as outras.

Que dizer deste “Novo Testamento” das Paulinas? Li com sofreguidão o exemplar recebido. Apresentação gráfica excelente (embora bom número de páginas à esquerda não tenham a qualidade das páginas à direita), em papel bíblia, com abundantes notas, subtítulos muito claros em vermelho, ilustrações preciosas de Cláudio Pastro a cada livro, inclusive a cada uma das pequenas cartas (Filêmon, 2^a e 3^a de João, e Judas). Quanto à diagramação, não gostei muito dos textos poéticos, apertados em meias colunas. Ainda quanto à diagramação, não gostei nada do acúmulo dos paralelos no rodapé das páginas: isto limpou o texto,

* Mestre em Ciências Bíblicas, ex-membro da Pontifícia Comissão Bíblica, e Professor emérito da FACASC, Faculdade Católica de Santa Catarina, Florianópolis, SC.



mas prejudicou a identificação desses paralelos, que ficariam melhor, se possível, ao lado do texto que remete a eles.

Quanto aos tradutores, em número de dez, cada um é responsável também pela introdução e notas do texto traduzido. Entre eles, destacam-se Claudio Vianney Malzoni, que, além de traduzir nove livros, fez a revisão exegética da maioria deles, e Walter Eduardo Lisboa, revisor de dez livros, além de tradutor de Mateus, Lucas, e Atos. A direção editorial é de Bernadete Boff e Vera Ivanise Bombonato.

As introduções são muito claras e sucintas, inclusive a Introdução geral ao Novo Testamento, que não ultrapassa duas páginas. Nessa Introdução, surpreendeu-me a atribuição das divisões dos capítulos ao Cardeal Hugo de San Caro, quando me consta que seu autor foi Estêvão Langton, arcebispo de Cantuária, na segunda metade do século XIII. Quase no final da 2ª coluna da p. 10, eu teria preferido o termo “Pais”, em vez de “Padres”, na conclusão da citação do sínodo de Cartago. Aliás, na p. 15, também Ireneu de Lião é qualificado de “Padre da Igreja”: por que não “Pai da Igreja”?

Quanto à tradução, a opção feita é por uma tradução em português padrão, literal sem ser literalista, revelando um trabalho cuidadoso, em geral excelente, com a revisão literária de Anoar Jarbas Provenzi. Quanto a detalhes, aponto os que mais me chamaram a atenção, apresentados na sequência dos livros.

Mateus: 1) A nota a 3,15 sobre o termo “*justiça*”, que Mt emprega sete vezes, não me parece exata: para Mt, trata-se da justiça salvadora de Deus, não da “conduta apropriada e fiel...”. Por isso mesmo, também não é exata a tradução de Mt 5,6: “fome e sede *de* justiça”: deve ser, como o indica o artigo definido em grego, “fome e sede *da* justiça”, isto é, da justiça de Deus. 2) Em 3,16 faltou uma nota sobre a “*pomba*”, manifestação do Espírito Santo no batismo do Senhor. É a única vez, em toda a Bíblia, que aparece esse símbolo referido ao Espírito, e isso nos quatro evangelhos, indicando que tipo de messianismo Jesus assumirá: não o da força, como João Batista havia anunciado, mas o da mansidão e misericórdia (cf 11,29 e 12,19-20, citando Is 42,1-4). 3) Nas bem-aventuranças, o tradutor não advertiu para o artigo definido que se encontra no texto original: “pobres *no* espírito”, “fome e sede *da* justiça”, “puros *no* coração”, detalhe decisivo para a hermenêutica desse texto exponencial de Mateus. Na terceira bem-aventurança, 5,5, não entendi a tradução do gr. *praeis* por “humilhados”, apesar da tentativa de justificá-la, em nota, pela referência ao Sl 37,11. Por que não, aqui,



“não-violentos”? 4) Em 5,21 e 33, por que não “antigos”, como está em 15,2, em vez de “antepassados”? 5) Em 5,32, como também em 19,9, a tradução de *porneia* por “infidelidade sexual”, isto é, no caso da mulher casada, “adulterio”, fecha o sentido do termo, diferente de *moicheia*. 6) No pai-nosso, em 6,10, “*chegue* teu reino” é melhor que “*venha* teu reino”? E em 6,13, “*sucumbir à tentação*” é melhor do que “*cair em tentação*”? por que não, mais literalmente, “*induzir em...*”? 7) Em 7,12, na “regra de ouro”, por que não “*os outros*”, em vez de “os homens”? A estas alturas da evolução da língua, é melhor, quando possível, usar a forma inclusiva do que a simplesmente masculina. A propósito, a nota a esse texto faz uma motivação teológica que não está aí – estará, sim, em 5,48 – e não ressalta devidamente o seu teor de reciprocidade. 8) Em 9,13, como também em 12,7, a citação de Os 6,6 não especifica de que “sacrifício” se trata: trata-se do sacrifício *ritual*, isto é, o sacrifício de animais, da liturgia do Templo. É importante, por isso, acrescentar o adjetivo. 9) Em 9,37-38, por que não substituir “*messe*”, que pouca gente sabe o que é, por “*colheita*”? A nota respectiva dá uma motivação proelitista – “conseguir novos membros para o reino de Deus” – que parece restringir o horizonte de Jesus. 10) No belíssimo texto de 11,29, o termo gr. *práys*, em vez de “manso” virou “tolerante”... o que não me parece boa troca. Por que não, aqui, “bondoso”? 11) Na p. 58, na 2ª coluna, em baixo, no título da perícopa, não seria melhor “o *testemunho*”, do que “a *confissão*” de Pedro? 12) Em 21,13, na citação de Jr 7,11, não é melhor o tradicional “ladrões”, do que “bandidos”? Assim também, em 27,38, os dois companheiros de suplício de Jesus: dois “bandidos”?

Marcos: 1) na Introdução, p. 100, 1ª coluna, 2ª alínea: “a mesma pessoa” seja “a autora” do Evangelho? Não poderia ser “o autor”? 2) Em 1,10, a menção da “pomba” sem qualquer nota explicativa, como já observei acima, sobre Mt 3,16. 3) Em 11,17, o “covil de *bandidos*”: confira acima, a observação quanto a Mt 21,13. 4) Em 15,27, novamente os dois “bandidos”, como em Mt 27,38. 5) Quanto à nota a 15,34, a simples menção de que o Sl 22 é uma “súplica de confiança” parece-me diminuir muito a dramaticidade do texto.

Lucas: 1) Em 1,37 a tradução não deve ser “nada impossível com Deus” mas “nada impossível *para* Deus”. 2) Em 1,48, em vez de “considerou” seria melhor o hebraísmo que ocorre mais vezes na Bíblia: “olhou para”. Quanto ao termo “humildade”, não é a tradução de *tapéinôsis*, como diz a nota. “Humildade” é em gr. *tapeinôfrosýne*, enquanto *tapéinôsis* é, mesmo, “humilhação”, a qual, em 1Sm 1,11, é a esterilidade



de Ana, não simplesmente a sua “miséria”. 3) Em 1,52 o termo “humildes”, em gr. *tapeinous*, seria melhor traduzido como “humilhados”. 4) Em 1,72 em vez de “e lembrar” seria melhor: “lembrando-se”. 5) Em 1,78 é estranha a “entranhável”: por que não “terna”? 6) Em 2,14 ficou meio complicada a tradução “aos homens, em quem ele se compraz”: por que não, mais simples, “aos homens *por ele amados*”? 7) Em 2,32 a luz não é “para revelação *das* nações”, mas “para revelação *às* nações”. 8) Em 3,22, apesar de Lc precisar que o Espírito desceu sobre Jesus “*em forma corporal, como uma pomba*”, a nota nada comenta sobre o significado desse símbolo, como já observei em Mt 3,16 e Mc 1,10. 9) No começo do capítulo 4º, por que “provações” e não o título tradicional: “*tentações* de Jesus”? 10) O que se contrapõe às bem-aventuranças em Lc não são “maldições”, como está no título da perícope que começa em 6,20 e também na nota correspondente, mas “*ameaças*”, ou “*ais*”. As maldições são sempre introduzidas pela fórmula “*maldito...*”, o que não é o caso aqui. Nas três primeiras bem-aventuranças está faltando o pronome interpelativo *vós*, e os verbos correspondentes, em 6,21, também devem estar na 2ª pessoa do plural, não na 3ª: “*vós, os que agora passais fome*”, “*vós, os que agora chorais*”. Também na segunda parte de 6,25, a interpelação é direta: “*Ai de vós, que agora estais rindo...*” 11) Em 6,30, em vez de “não os reivindiques”, melhor: “não os peças de volta”. 12) Em 6,38, seria melhor “derramarão”, ou “versarão em vosso regaço”, em vez de “*verterão*”. 13) Na p. 180, no fim da nota a 8,19-21, faltou mencionar a mãe de Jesus, na última frase: “Os irmãos e a mãe de Jesus” reaparecem... em At 1,14. 14) Em 10,6, a expressão é “um filho *da paz*”, não “*de paz*”. 14) No quarto pedido do pai-nosso, em 11,4, um cochilo de revisão: o verbo perdoar deve estar na 2ª pessoa do singular, “perdoa”, não do plural, “perdoai”. No quinto pedido, quanto ao “sucumbir à tentação”, veja-se o que observei acima, quanto a Mt 6,13. 15) Em 13,31, novo cochilo de concordância: “*Vá* embora, retira-te daqui...”, em vez de “*Vai* embora”. 16) Em 14,24, no final da parábola do banquete, o tradutor inseriu desnecessariamente o substantivo masculino “homens” na frase “nenhum *daqueles* que foram convidados...” 17) Em 17,10, a expressão “servos *inúteis*”, apesar de corresponder literalmente ao original, mereceria uma tradução mais de acordo com o que os servos fizeram: “somos *simples* servos”. Afinal, eles não foram “inúteis”! Em nota, para quem se interessasse, informar-se-ia o sentido literal. 18) Em 17,20, em vez de “sinais *óbvios*” creio que seria melhor “sinais *espetaculares*”. 19) Em 19,8, a tradução do propósito de Zaqueu no tempo presente, “dou”... e “restituo”, ficaria melhor, mais de acordo



com o sentido, no futuro: “vou dar”... e “restituirei”. 20) Em 19,27, o cruel final da parábola “das dez minas” mereceria, na nota, alguma chamada de atenção ao contraste entre o Jesus misericordioso de Lucas e a sentença inexorável do rei... 21) Em 22,15, em vez de “comer esta Páscoa” seria melhor “comer esta ceia pascal”, como está dito no v. 11. 22) Em 22,20 ficou estranha a preposição “com” na fórmula do cálice: é melhor “a nova aliança *no* meu sangue”. 23) Em 22,52, novamente a tradução do gr. *léstês* por “bandido”: é melhor traduzir por “ladrão”. 24) Em 23,18, em vez de “Fora esse!”, ficaria melhor: “Fora com ele!”.

João: 1) Na p. 235, na 1ª coluna, como primeiro título da cristo-logia joanina, aparece “*Apóstolo do Pai*”. Por que não o termo traduzido: “*Enviado do Pai*”? 2) Na p. 236, na 1ª coluna, a citação de 4,10 está equivocada: a promessa do Espírito se encontra em cinco passagens dos capítulos 14 a 16. Na mesma página, na 2ª coluna, em baixo, a festa “das Tendões” aparece como festa “das Cabanas”. Será melhor? 3) Em 1,5, a tradução “*não a apagaram*” fecha o sentido de um verbo que pode significar também “*acolheram*”, “*apreenderam*” etc. 4) Em 1,18, a frase final ficou sem objeto: “*ele o deu a conhecer*”. 5) Em 1,32, como nos sinóticos, o significado da “*pomba*” ficou em branco. 6) Em 1,48 também ficou em branco o significado da expressão “*sob a figueira*”. 7) Em 2,4, a palavra de Jesus à sua mãe não é, absolutamente, “*Que isso importa a mim e a ti*”, mas: “*Que há entre mim e ti, mulher*”, isto é, um hebraísmo de distanciamento que se encontra em várias passagens de ambos os Testamentos. Este distanciamento é justificado porque “*ainda não chegou a hora*”, hora que vai chegar na cruz: então, em 19,25-27, Jesus reconhecerá a maternidade de sua mãe, só que em relação ao discípulo amado. O teor da nota a 2,4 não atina com a profundidade mariológica do texto. 8) A nota a 2,5 lembra as palavras do faraó a José, como pano de fundo para o “*Fazei o que ele vos disser*”, de Maria. Contudo, no contexto matrimonial de Aliança, nas bodas de Caná, melhor pano de fundo são as palavras do povo a Moisés: “*Faremos tudo o que o Senhor nos disse*” (Ex 19,8 e 24.3.7). 9) Em 2,19, é melhor explicitar o interpelativo “*vós*”, no desafio de Jesus: “*Destruí vós este santuário*”. Quanto ao termo “*santuário*”, que traduz o gr. *naós*, repetido nos versículos 20 e 21, melhor seria substituí-lo por “*templo*”, como o faz a Vulgata (também a Nova), igualmente na 1Cor 3,16 e 6,19. 10) A nota a 2,20 explica que os “*quarenta e seis anos*” são uma “*provável*” referência à reforma do Templo... Não é apenas “*provável*”, mas sim uma exata indicação cronológica que João nos oferece. 11) Em 3,11, fiquei agradavelmente surpreso com a manutenção do duplo “*Amém*”, em vez do tradicional “*Em*



verdade, em verdade”. Assim, ao longo de todo o texto de João. 12) Em 4,10, apesar da bem argumentada explicação da nota, a tradução não diz bem o que no texto original se lê. 13) Pela metade de 4,35 encontramos um “eis que” perfeitamente dispensável: “Eu vos digo...” 14) Em 5,7, não se trata propriamente de “jogar” o doente na piscina, mas de “descê-lo”. 15) Na p. 253, na 2ª coluna, em cima, em vez de “Os testemunhos a favor...” creio que seria melhor: “*As testemunhas*”, a saber: o Pai, João Batista, as obras do Pai, as Escrituras. 16) Em 5,38, penso que se deve explicitar o sujeito de: “naquele que *Ele* enviou”. 17) Em 6,13, em vez de “tinham *excedido* aos comensais”, seria melhor “tinham sobrado”. 18) No longo período de 6,27 é melhor fazer nova frase no final e evitar o termo “*selo*”, talvez assim: “Pois a ele Deus Pai marcou com o seu sinal”. 19) Em 6,35, no primeiro “Eu sou” com predicado, o tradutor preferiu inverter a sequência tradicional de sujeito e predicado, com o interessante efeito de chamar a atenção do leitor: “*Sou eu* o pão da vida”. Assim, depois, “*Sou eu* a luz”, “*Sou eu* a porta” etc. 20) Em 6,70, é melhor uma adversativa no início da última frase: “*Contudo*, um de vós...” 21) Como já observei acima, penso que é preferível o título de “festa das *Tendas*”, ao de “das Cabanas”. 22) Na nota a 8,34-36, o tradutor fala em “contato com a teologia paulina”... mas o pano de fundo da contraposição aí é a diferença entre o escravo, Ismael, lançado fora da casa (Gn 21) e o livre, Isaac, o filho da promessa, que permanece. 23) Em 9,2 e 3, o tradutor preferiu falar de “genitores” do cego de nascença, em vez de, simplesmente, “pais”, sendo coerente com essa escolha no restante do capítulo: mais quatro vezes. Vale a pena? 24) Em 11,33, Jesus sentiu “uma *forte* comoção”, não simplesmente “uma” emoção. 25) Na nota a 12,8 faltou a referência ao texto de Dt 15,11, cujas palavras Jesus retoma, isto é, não se trata de uma “profecia” do Senhor, embora assim se costume, erroneamente, interpretá-las. 26) A nota a 12,24 reduz a imagem do grão de trigo a um símbolo da ressurreição. No contexto é, antes, símbolo da paixão: o grão que, para dar fruto, tem que morrer. 27) Em 13,34, na segunda parte do versículo, ficaria melhor: “assim também *vós, amai-vos* uns aos outros”. E não: “assim também *vos amai*” (?)... 28) Em 15,1, caberia uma nota sobre o pano de fundo da alegoria da videira: o cântico da vinha, de Isaías (Is 5,1-7). 29) Em 17,3, o “conhecer” o Pai, de que fala Jesus, também em 17,26, mereceria uma nota: é o “conhecimento” prático, ético, do qual falam os profetas (p.ex., Jr 22,16) e também João, na sua primeira carta. 30) Em 20,17, o texto, em sua tradução costumeira, é incompreensível: segundo a cristologia joanina, a “subida” de Jesus ao Pai já se efetuou, com a “exaltação” na cruz. Como é que “ainda não subiu”? 31) Em relação a 20,21-23, a nota correspondente restringe o dom



do Espírito à “autoridade para perdoar...” O dom é maior: é o da própria missão de Jesus (v. 21), que veio “tirar o pecado do mundo” (1,29). 32) Em 22,15-16, valeria a pena uma nota, ressaltando que, aqui, o “verdadeiro Pastor” (10,11), Jesus, faz de Pedro o pastor do seu rebanho. 33) Quanto à nota a 21,20, certamente se equivoca ao “sugerir” que o discípulo amado passe, desde então, a “seguir a Pedro”.

Atos dos Apóstolos: 1) Em 1,16, faltou a preposição na frase “a Escritura, a qual...”: deve ser: “a Escritura, *na* qual...”. 2) Em 2,41, certamente é melhor substituir o hebraísmo “almas” por “pessoas”. Da mesma forma, em 2,43: “nascia *em todos*”, não “em toda alma” (!). 3) Em 4,13, o termo gr. *parrêsia* é traduzido razoavelmente por “intrepidez”. Literalmente, é a “liberdade de dizer tudo”, coragem de falar, franqueza. Talvez valesse a pena uma nota, uma vez que esse termo retorna várias vezes em Atos. 4) Em 6,4 não está correta a forma verbal “dedicaremo-nos”. 5) Em 7,56, em vez de “Eis que vejo”, fica melhor: “Estou vendo”, sem o “eis que”. 6) Em 11,24, sobre Barnabé: por que “*pleno*”, e não “cheio” do Espírito Santo? 7) Na nota a 12,18-19, em vez de “para não *perder* a própria vida”, deve ser: “para não perderem...” 8) Em 16,23-24, por duas vezes, em vez de “*jogar*”, tratando-se de pessoas, mesmo se presas, seria melhor “lançar”. 9) Em 17,11, no final do versículo, acrescentar uma qualificação do “assim”: “se tudo seria *de fato* assim”. 10) No final da nota a 17,16 aparece a palavra singular “Acrópole” com a desinência do plural: “*Acrópoles*”. 11) No começo da nota a 19,1 se fala de senado “e parlamento” em Éfeso. Quanto se sabe, “parlamento” é uma instituição moderna.

Romanos: 1) Na 2ª coluna da p. 373, em cima, referindo-se ao “segundo prisma...” o apresentador incide num galicismo: em vez de “é *aquele* da reconciliação” deve ser “é *o* da reconciliação”. 2) Em 2,7, em vez de “na prática de *boa obra*”, deve ser: “de boas obras”. 3) Em 13,9, em vez de “estão *reassumidos*”, deve ser “resumidos”. 4) Em 14,4, a tradução do longo versículo ficou um pouco obscura. 5) Em 15,26, em vez “os pobres dos santos” (!), deve ser “os pobres entre os santos”.

1ª Coríntios: 1) Em 1,28, não se trata de “os insignificantes aniquilarem” quem quer que seja, mas Deus os escolhe *para ele*, o Senhor, “*reduzir a nada* as coisas que são”. 2) Em 5,7, em vez de “*nossa Páscoa*, Cristo, foi imolado”, penso que é melhor “nosso *Cordeiro pascal*, Cristo...” 3) No fim de 6,14 é melhor falar do “poder” do que da “potência” de Deus. 4) Em 7,27, a pergunta não é se alguém está “*separado*” de mulher, mas se está “livre”. 5) Em 7,35, não ficou bem a expressão



“impor um cabresto”... 6) Em 8,1, não se trata das “*coisas*”, mas da “*car-nes*” sacrificadas aos ídolos. 7) Em 10,8, em vez de “*nem pratiquemos imoralidades sexuais*” deve ser, literalmente, “nem nos prostituamos”, indicando a infidelidade à Aliança. 8) Em 11,10, em vez de simplesmente “a autoridade”, é melhor “um sinal de autoridade”. 9) Em 11,12, em vez de “o homem *provém por intermédio* (!) da mulher”, deve ser: “o homem vem da mulher”. 10) Em 14,11, em vez de “bárbaro” (duas vezes) fica melhor “estrangeiro”. 11) Na nota a 15,32 a frase citada encontra-se literalmente em Is 22,13, e não apenas, “com acréscimos, na Epopeia de Gilgamesh”. De resto, ela *não* é citada em Ecl 9,7-10. 12) Em 15,44.46, usou-se o adjetivo “*físico*”, em vez de “animal”, enquanto a contraposição de Paulo é exatamente entre “animal” e “espiritual”. 13) Em 16,9, trata-se de “uma porta grande e propícia”, não “grande e *eficaz*”.

2ª Coríntios: 1) Em 4,7, em vez de “a *excelência da potência*”, não fica melhor: “este extraordinário poder”? 2) Em 4,17, em vez de “*excessivamente* um peso eterno”, melhor: “um desmesurado peso eterno”. 3) Em 7,9-10, em vez de “mudar de mentalidade” (gr. *metanoein*) deve ser “arrepender-se”; a seguir, em vez de “mudança de mentalidade” deve ser “arrependimento”. 4) Em 11,8, em vez de “recebendo salários”, melhor: “aceitando o necessário”. 5) Em 11,29, em vez de “sem que eu *ruborize*”, mais literal: “sem que eu fique ardendo”. 6) Em 12,9, em vez de “a *potência*”, deve ser: “a *força* é aperfeiçoada na fraqueza”. 7) Em 12,14, omitir o “eis que” inicial.

Gálatas: 1) Em 2,20, em vez de “na *fidelidade*”, deve ser “na fé” do Filho de Deus. Valeria a pena uma nota a propósito. 2) Em 4,14, em vez de “*tentação*” deve ser “prova”; e em vez de “*cuspistes*”, deve ser “repelistes”.

Efésios: 1) Na Introdução, pp. 462-463, aparece várias vezes o termo “*igreja*” com minúscula, quando, nesta carta, como em Colossenses, não se trata de uma “igreja” particular, mas da “*Igreja*” na sua dimensão ampla, universal, com maiúscula. Na p. 463, na metade da 1ª coluna, se diz que “*reconciliação*” é um “termo novo” no epistolário paulino, quando aparece insistentemente na 2Cor 5,18-20. 2) Em 1,12, o verbo deve estar no perfeito: “pusemos nossa esperança”, não “*pomos*”. 3) Em 2,9, em vez de “*ações*”, melhor: “obras”. 4) Em 4,15, não se trata de “*falar*”, mas de “*fazer*”: “fazendo a verdade no amor”. 5) Em 4,30, quanto ao “entristecer o Espírito”, seria interessante lembrar o paralelo em Is 63,10. 6) Em 5,5, o adjetivo “*imoral*” não corresponde bem ao *pórnos* do texto gr. 7) Em 5,22,



quanto às mulheres, o verbo “*se sujeitem*” não existe, mesmo se esteja suposto, no original. A afirmação anterior, do v. 21, fala, sim, da sujeição, mas mútua: “*sujeitai-vos uns aos outros*”. 8) Em 5,30.32, as duas menções da “Igreja” devem ser com maiúscula, como já observei acima. 9) Em 6,15, deve ser “com prontidão”, não “*como* prontidão”.

Filipenses: 1) Na Introdução, p. 472, 2ª coluna, 2ª alínea: “tomar parte em seus sofrimentos”, não “*de* seus”. Na p. 473, no final da 2ª coluna, se fala da “carta repleta de *poesia*”... Não é bem de “poesia” que se trata, mas, sim, de “ternura”. 2) Em 1,14, trata-se não simplesmente de “*falar*”, mas de “anunciar” a Palavra. 3) Em 1,27, o pronome deve vir depois do imperativo: “comportai-vos”, não “*vos* comportai”. 4) Em 1,30, em vez de “*levando* o mesmo combate”, deve ser “sustentando”. 5) Em 2,6, não se trata de “*extorsão*”, mas de “algo a que se apegar”. 6) Em 2,10, em vez de “*subterrâneos*”, melhor: “abismos”, ou “abaixo da terra”. O termo “subterrâneos” volta três vezes na nota. 7) Em 2,16, em vez de “*para o vazio*”, duas vezes, deve ser: “em vão”. 8) Em 2,30, em vez de “*junto a mim no serviço*”, deve ser, penso: “na atenção para comigo”. 9) No final de 3,8, em vez de “*excremento*”, melhor: “lixo”. 10) Em 3,21, em vez de “*nosso corpo de humildade*”, melhor, “nosso corpo humilhado”; e, em vez de “*seu corpo de glória*”, melhor, “seu corpo glorioso”. 11) Em 4,5, em vez de “*vossa mansidão*”, deve ser: “vossa gentileza”, ou “bondade”.

Colossenses: 1) Em 1,18, em vez de “em tudo, ele, *o primaz*”, melhor: “em tudo ele tem a primazia”. No mesmo versículo, como também no v. 24, “Igreja”, com maiúscula. 2) Em 1,24, em vez de “*a toda criação*”, melhor: “a toda criatura”. 3) Em 2,19, em vez de “*crece o crescimento de Deus*”, deve ser: “crece segundo a vontade de Deus” ou “conforme o querer de Deus”. 3) Em 3,15, em vez de “*arbitre* em vossos corações”, melhor: “reine...”. 4) Em 4,3, em vez de “nos abra *uma* porta da palavra”, deve ser: “nos abra *a* porta da Palavra”. 5) Em 4,16, em vez de “quando *a epístola*”, deve ser: “quando esta carta”.

1ª Tessalonicenses: 1) Em 2,14, em vez de “vos tornaste *imitações*”, deve ser: “vos tornastes imitadores”. No final do mesmo versículo, não “do mesmo modo que *elas*”, mas “que elas”, isto é, as igrejas na Judeia. 2) Em 4,4, a tradução “*manter seu próprio corpo*” fecha o sentido do original, que usa a metáfora do instrumento. Pode ser, melhor: “tratar seu próprio cônjuge”. 3) Em 4,10, um cochilo na concordância verbal: em vez de “vos exortamos... *a progredirem*”, deve ser: “a progredirdes”.



2ª Tessalonicenses: 1) Em 2,4, em vez de “no santuário de Deus”, melhor, como na Vulgata, “no templo de Deus”. 2) Em 2,12, em vez de “*comproveram-se* na injustiça”, deve ser “tiveram prazer...” 3) Em 3,6, um cochilo de concordância: em vez de “que de nós *receberam*”, deve ser “recebestes”.

1ª Timóteo: 1) Em 1,12, em vez de “me considerou *fiel*”, deve ser: “me considerou digno de confiança”. A seguir, em vez de: “*colocando-me na diaconia*”, melhor: “colocando-me a seu serviço”. 2) Em 4,6, em vez de “serás um bom *diácono* de Jesus Cristo”, por que não: “um bom ministro”, ou “servo”? 3) Em 4,7, em vez de” mitos *mundanos e de velhas*”, melhor: “mitos *profanos* e histórias de mulheres idosas”... 4) Em 4,10, em vez de “de todos *os homens*”, é melhor omitir “os homens”, para dar inclusividade à afirmação. E, em vez de “principalmente *os fiéis*”, melhor: “principalmente *dos* que creem”. 5) Em 5,4, faltou a preposição do objeto indireto: “retribuir *a* seus progenitores”. 6) Em 6,13, em vez de “*testemunhou a boa confissão*” (?), deve ser; “deu o seu belo testemunho”.

2ª Timóteo: 1) Em 1,12, em vez de “estou *seguro* de que é *forte para...*”, melhor: “estou *certo* de que é capaz de”. 2) Em 2,4, em vez de “assuntos *da vida*”, melhor: “assuntos da vida cotidiana”. 3) Em 2,12, em vez de “se tivermos *paciência*”, é melhor: “se perseverarmos”, ou “se aguentarmos firmes”. 4) Em 4,4, em vez de “mitos”, que é a tradução literal, aqui é melhor “fábulas”. 5) Em 4,5 e 4,11, em vez do termo “*diaconia*”, fica melhor “ministério”.

Tito: 1) Na Introdução, p. 524, 2ª coluna, pelo meio, se diz que “o comportamento digno é caracterizado pela *modéstia*”, quando o termo comum aos versículos citados (Tt 2,2.5.5.12) é *sôfrosýne*, bom senso. 2) Em 1,13, um cochilo de concordância: deve ser “repreende-os”, na segunda pessoa, não “*repreenda-os*”. 3) Em 2,1, a forma do imperativo de “dizer” é “*dize*”, não “*diz*”. 3) Em 2,5, em vez de “*a serem*”, deve ser “que sejam” (forma verbal do versículo anterior). 4) Na bela afirmação universalista de 2,11, não é melhor suprimir “*os homens*”, bastando dizer “para todos”? 5) Em 3,4, não ficou bem a tradução literal do gr. *filanthrópia* por “*amizade pela humanidade*”. Por que não, simplesmente, “o amor”? Pois o contexto sugere que é o amor por nós, pela humanidade. 6) Em 3,10, em vez de “evita o *herege*”, talvez seja melhor: “o teimoso”.

Filêmon: No final do v. 11, faltou o verbo: “tanto a ti como a mim, *é útil*”.



Hebreus: 1) Em 5,12, falta uma vírgula importante: “deveríeis ser mestres, novamente...” 2) Em 5,14, em vez de “*pela prática*”, melhor: “*pela experiência*”. 3) No final de 6,1 há uma crase fora de lugar: em vez de “*à fé em Deus*”, deve ser: “*a fé em Deus*”, em paralelo com a renúncia às obras mortas. 4) Em 10,13, em vez de “*como apoio de seus pés*”, melhor: “*como estrado*”. 5) Em 13,6, no final da citação do salmo, substituindo “*o homem*”, sugiro: “*Que poderá fazer-me quem quer que seja?*” 6) Em 13,10, em vez de “*direito a comer*”, deve ser: “*direito de comer*”. 7) Em 13,18, melhor “*orai por nós*” do que “*rezai por nós*”.

Tiago: 1) Na Introdução, na p. 557, 2ª coluna, pela metade, em vez de “*necessidade da prática*”, melhor: “*necessidade das obras*”. 2) Em 1,7, omitir o indefinido em “*uma tal pessoa*”. 3) Em 1,11, para evitar o cacófono em “*ela tinha*”, simplesmente omitir o pronome. 4) Em 2,4, em vez de “*discriminações*” deve ser “*discriminações*”. 5) Em 2,8, parece interessante a opção feita por “*lei do reino*” – com maiúscula? – em vez de “*lei real*”. 6) Em 2,13, penso que é melhor traduzir o gr. *krisis*, que corresponde ao hebr. *mishpat*, por “*juízo*”, em vez de “*juízo*”. 7) Em 3,1, não entendi o “*não vos armais demasiado em mestres*”. Deve ser: “*não muitos de vós se arvoreem em mestres*”. 8) Em 3,9, em vez de “*amaldiçoamos os homens*”, não seria melhor, em linguagem inclusiva, “*os (seres) humanos?*” 9) Em 4,4, apesar de o original ser feminino, *moichalídes*, é claro que Tiago inclui o masculino. Melhor, portanto, “*adúlteros*”, com o sentido explicado na nota. 10) Em 5,17, em vez do verbo “*rezar*”, é preferível o “*orar*” (também no v. 18).

1ª Pedro: 1) Na Introdução, p. 567, 2ª coluna, pela metade, corrigir o italianismo do “*àquele de Cristo*”: “*do sofrimento dos cristãos ao de Cristo*”. 2) Em 2,2, em vez do singular, “*como criança recém-nascida*”, deve ser o plural: “*como crianças recém-nascidas*”. 2) Em 2,8, o verbo “*desobedecem*” anulou a metáfora. A frase toda ficaria assim: “*Eles tropeçam, não obedecendo à palavra, mas para isso...*” 3) Em 2,25, em vez de “*o guardião de vossas vidas*”, fica melhor: “*o guarda*”. 4) Em 3,4, em vez de “*manso e tranquilo*”, seria melhor “*bondoso e tranquilo*”. 5) No final de 3,14, um cochilo de concordância: em vez de “*nem vos aterrorizai*”, deve ser: “*nem vos aterrorizeis*”. 6) Em 3,18, em vez de singular “*pelo injusto*”, deve ser o plural: “*pelos injustos*”.

2ª Pedro: 1) Em 1,1, faltou a crase em “*uma fé de igual valor à nossa*” (também na p. 576, 1ª coluna, 2ª alínea, falta a mesma crase, e a citação não é 2Pd 1,2 mas 2P 1,1). 2) Em 1,12: no final do versículo,



o verbo deve estar no subjuntivo, por causa da concessiva “embora”: “embora....vos conserveis firmes...”, não “vos *conservais*”. 3) Na nota a 1,13-14 se fala de “*eufemismo*” em relação à expressão mencionada, mas é antes uma simples metáfora. 4) Em 1,16, em vez “a *potência*”, melhor “o poder”, também na citação desse versículo na p. 575, na ilustração de C. Pastro. 5) Em 1,19, em vez de “*que* fazeis bem...” deve ser: “à qual fazeis bem em prestar atenção”. 6) Em 2,3, a segunda parte do versículo está meio estranha: “*há tempos o julgamento não está ocioso...*”. Deve ser: “seu julgamento há tempo está em curso, e sua destruição não demora”. 7) Em 2,4, em vez de “*conservando-os para o juízo*”, melhor: “guardando-os para o julgamento”. 8) No final de 3,10, apesar da nota, que justifica a tradução proposta, o sentido óbvio só pode ser: “e a terra, com todas as suas obras, *será destruída*”. 9) No final de 3,16, faltou o artigo definido em “com todas *as* outras escrituras”; e, em vez de “*destruição* deles mesmos”, deve ser “perdição”.

1ª João: 1) No início de 2,2, além de acrescentar o artigo definido, ficaria melhor antecipar o verbo: “*É ele a* oferta...” 2) No início de 2,18, faltou o diminutivo, típico do autor da carta: “*Filinhos*”, não “filhos”. 3) Em 3,9, para que não haja contradição com o que está em 1,8-10, é melhor traduzir o verbo por um presente continuado: em vez de “*não comete pecado*”, dizer “*não vive pecando*”; e logo a seguir, em vez de “*não pode pecar*”, dizer “*não pode continuar pecando*”. 4) No final de 3,16, apesar de “*dar nossas vidas*”, no plural, estar literalmente correto, é melhor: “dar a nossa vida”. 5) No final de 4,6, é melhor, em vez de “*engano*”, empregar o antônimo da “verdade”, o “erro”. 6) No final de 4,18, em coerência com o que foi dito no início do versículo, em vez de “quem *teme*”, dizer: “quem tem medo”.

3ª João: 1) No início do v. 6, o gr. *agápê* é traduzido, bem, por “generosidade”, embora literalmente seja “amor”. 2) No final do v. 8, em vez de “*seus* colaboradores *na* verdade”, omitir o “seus”, que não existe, e dizer: “colaboradores da verdade”.

Judas: 1) Na introdução, p. 602, 2ª coluna, início da 3ª alínea, deve ser “tradição recebida *dos* apóstolos”, não “pelos” apóstolos. 2) No v. 5, um cochilo gramatical: “embora vós *saibais* tudo”, e não: “sabeis”. 3) No v. 12, além dos “*furações*”, em vez de “*furacões*”, o advérbio “*intrepidamente*” está mal empregado, traduzindo o gr. *afóbôs*, que quer dizer, aqui, “sem controle”.



Apocalipse: 1) Na introdução, p. 608, no esquema da 2ª coluna, em vez de “livro *selado*”, é melhor “lacrado”. Quanto ao conjunto dos capítulos 6,1-19,10, não me parece um bom título “Execução das *pragas* escatológicas”. 2) Em 1,6 aparece a nossa condição de “*reinado e sacerdotes*”, que em 5,10 é apresentada como “*reino e sacerdotes*”: qual é a opção que vale? 3) Em 1,12 aparecem as sete “*lâmpadas*” que não são “lâmpadas” mas “candelabros”, em gr. *lychnia*, que reaparecem no v. 20, inclusive com significação explicada. 4) Em 2,27, em vez de “as *destruirá como um objeto de cerâmica*” deve ser: “as *quebrará como a vasos de barro*”. 5) No começo de 4,1, o “*eis que*” atrapalha a fluência da frase: “Depois destas coisas, *eu vi: havia...*” 6) Em 5,1, quanto ao livro “*selado com sete selos*”, penso que é melhor: “*lacrado com sete lacres*”. Isto porque, para nós, “selo” é selo postal. Naturalmente, esta opção deverá valer para os capítulos seguintes. 7) Em 5,6, na nota, se diz que o cordeiro “em pé e imolado”, é “uma referência à morte de Jesus”... Não só! Também, e principalmente, à sua ressurreição. Por isso ele está em pé. 8) Em 5,9, em vez de “*compraste*”, sentido possível, é melhor: “*resgataste*”. 9) No final da nota a 6,2, em vez de “*poderio da destruição militar*”, penso ser mais exato: “o *poderio da ambição imperialista*”. 10) Em 6,9, em vez de “*as almas* dos que haviam sido imolados”, melhor: “*aqueles que...*” 11) No fim de 6,10, em vez de “*não vingas nosso sangue dos que...*”, melhor “*contra os que...*”. 12) Em 7,3-4, em vez de “*selados*”, aqui, embora o verbo gr. *sfraghizô* seja o mesmo, é melhor: “*marcados*”. 13) Em 7,16, em vez de “o sol *se colocará* sobre eles”, melhor: “o sol *cairá...*” 14) Em 9,1 não se trata de “*astro*” mas de “*estrela*”. 15) Em 10,4, em vez de “*Sela* o que ouviste”, apesar do verbo gr. *sfraghizô*, melhor: “*Mantém em segredo o que...*”. 16) Em 11,5, em vez de “*lhes fazer mal*” e “*lhes causar dano*”, é melhor: “*fazer-lhes mal*”, “*causar-lhes...*”. 17) Em 11,7 surpreendeu-me positivamente a tradução de *thérion* por “*monstro*”, em vez de “*besta*” ou “*fera*”, tradução que é mantida nos capítulos seguintes. 18) Em 11,19 traduziu-se o gr. *vaós* por “*santuário*”, enquanto o mesmo termo em 11,1 foi traduzido por “*templo*” e assim também será traduzido em 16,17 e 21,22. Por que não sempre “*templo*”, como o faz a Nova Vulgata? 19) Quanto ao “*grande sinal*” da “*Mulher*”, as pequenas notas a 12,1 e 12,2 falam do “*Zodiaco*” e de uma “*imagem feminina*” de Deus etc, e nada dizem de Eva-Maria, o que é muito estranho. 20) Também a nota a 12,7-9 fala em “*mito de combate*”... e nada diz de Gn 3,15, o texto que anuncia a hostilidade entre a Serpente e a Mulher. 21) Também a nota a 12,16 fala da “*sinergia das forças da natureza*”... e nada do povo eleito no deserto, da descendência da Mulher



etc. 22) Em 13,10, a tradução de *pístis* por “fidelidade” é possível, mas seria melhor “fê”. 23) No final de 13,12 o possessivo “*sua*” fica tautológico, devendo ser omitido; “do qual foi curada a ferida de morte”. 24) No final de 14,3 e 14,4, melhor “resgatados” do que “comprados”. 25) Em 14,5, melhor “em sua boca”, do que “na boca deles”. 26) Em 14,7, em vez de “a hora do seu *juízo*”, melhor: “do seu julgamento”. Também na nota a 14,14, o “tema do julgamento”, em vez de “*juízo*”. 27) No final de 14,15, em vez de “a hora da *seara*”, que é a sementeira, deve ser “da colheita”. 28) No final de 16,7: em vez de “justos são teus *juízos*”, melhor: “teus julgamentos”. 29) Em 16,12, em vez de “reis da *terra do sol nascente*”, que para nós é o Japão, melhor: “reis do Oriente”. 30) Em 19,2, em vez de “justos seus *juízos*”, melhor “seus julgamentos”, como já observei acima. 31) Em 19,10, e também em 22,9, em vez de “*teu companheiro de serviço*”, fica melhor: “servo como tu”. 32) No final de 19,17, em vez de “grande *refeição*”, é melhor: “grande banquete”. 33) Em 20,3, em vez de “*pôs um selo sobre ele*”, melhor: “lacrou [a tranca] sobre ...” 34) Em 20,4, em vez de “as *almas* dos decapitados”, melhor: “os que tinham sido decapitados”, como em 6,9. 35) Na nota a 20,10, em vez de “punição *dos chefes*”, deve ser “do chefe”, que é um só. 36) Na metade de 21,3, na fórmula da aliança, a maioria dos manuscritos têm, surpreendentemente, mas significativamente, o plural “seus povos”, em vez de “*seu povo*”. 37) No fim de 21,13, em vez de “*oeste*”, deve ser “Ocidente”, correspondendo a “Oriente”. 38) Em 22,12, em vez de “*para que seja dada a cada um*”, deve ser: “para retribuir...”

Posso ter sido muito detalhista nas minhas observações, que não pretendem, é claro, ter o monopólio da verdade. Ainda mais em questões de tradução e interpretação do texto bíblico. Dei-me ao longo trabalho de fazê-las, reconhecendo a excelência da publicação feita pelas Paulinas e, mais ainda, a sua importância no quadro editorial brasileiro. Sentir-me-ei feliz se tiver contribuído para o aperfeiçoamento da edição. E que venha logo o Antigo Testamento, logo que possível, completando a “Bíblia do Centenário” da benemérita congregação.

E-mail do Resenhista:
ney.brasil@itesc.org.br



TEIXEIRA, Vinícius Augusto R. (org.), **A misericórdia nos Padres da Igreja e em outros mestres espirituais**, Belo Horizonte: Ed. O Lutador, 2016, 18 x 12cm, 149 p.

*Pe. Ney Brasil Pereira**

Já tínhamos, em português, traduzido do italiano, um opúsculo do “Conselho Pontifício para a promoção da Nova Evangelização”, com o título “*Os Padres da Igreja e a Misericórdia*”¹. E agora, fruto da pesquisa do Pe. Vinícius Augusto Ribeiro Teixeira, lazarista (da Congregação da Missão), temos mais uma publicação, lançada em Belo Horizonte, com título semelhante: “*A misericórdia nos Padres da Igreja*”, só que o título é ampliado: “*e em outros mestres espirituais*”. Vê-se que Pe. Vinícius não desconhece a obra anterior, pois a cita entre as suas “Fontes”, elencadas na última página (p. 149) do seu livro. Mesmo assim, achou útil publicar o seu trabalho, que se distingue por várias novidades. Entre estas, a seleção dos mosaicos do jesuíta esloveno Pe. Mark Ivan Rupnik, autor do logotipo do Jubileu, ilustrando as páginas-título de cada um dos 32 pequenos capítulos. Pena que as ilustrações, naturalmente por motivos econômicos, não são coloridas. A outra novidade é a inclusão de “outros mestres espirituais”, entre os quais, do século XX, Charles de Foucauld e Dom Romero.

Além do texto de Introdução à coletânea (pp. 11-17), o organizador, Pe. Vinícius, nos presenteia, no final, com inspirada “leitura do logotipo do Ano da Misericórdia” (pp. 136-142), complementada com o “Índice dos mosaicos de M. I. Rupnik” (pp. 143-147). Chama a atenção a dedicatória do livro, “a Mons. Gaspar Sadoc da Natividade”, do clero de Belo Horizonte, “*Padre da Igreja de Cristo e mestre espiritual de muitas gerações [...] no centenário do seu nascimento*”.

Quanto à expressão “Padre(s) da Igreja”, tradicional em português entre nós, católicos, eu me pergunto por que não atualizá-la, como há tempo fizemos com o “Padre-nosso”? Por que não mudar para “*Pai(s) da Igreja*”, como o fazem nossos irmãos evangélicos e como sempre o

* Mestre em Ciências Bíblicas, ex-membro da Pontifícia Comissão Bíblica (2001-2013), e professor emérito da FACASC, Florianópolis, SC.

¹ Publicado em São Paulo, por Paulinas e Paulus, neste mesmo ano de 2016.



fizemos, também nós, católicos, nas outras línguas modernas? É que o substantivo “padre”, para nós, em português, designa o “presbítero”, enquanto “*père*”, em francês, é “pai”, não “padre” (que em francês é “*prêtre*”), assim como “*padre*”, em italiano, é “pai”, não “padre” (que em italiano é “prete”), e assim como “*father*”, em inglês, é “pai”, não “padre” (que em inglês é “priest”), e “*Vater*”, em alemão, é “pai”, não “padre” (que em alemão é “Priester”)... Assim, por que é que os franceses podem dizer “*Pères de l’Église*”, e nós não podemos dizer “*Pais da Igreja*”?

Mas voltemos ao nosso assunto, a recensão do livro do Pe. Vinícius, excelente contribuição para o aprofundamento do mistério da Misericórdia, segundo a proposta do papa Francisco. Intitulando-se apenas como “Bispo de Roma” e “Servo dos servos de Deus”², ele convidou a Igreja e o mundo³ a celebrarem, neste ano de 2016, o “Jubileu extraordinário da Misericórdia”. Por quê? Eis sua justificativa: “Há momentos em que somos chamados, de maneira ainda mais intensa, a fixar o olhar na misericórdia, para nos tornarmos, nós mesmos, sinal eficaz do agir do Pai”⁴, que é “*rico em misericórdia*” (Ef 2,4), à semelhança de Jesus de Nazaré, que é “o rosto da Misericórdia” do Pai.

A propósito, há tempo venho percebendo que não se costuma dar o devido valor a *um símbolo da misericórdia do Filho*, símbolo que se encontra nos quatro evangelhos, nos sinóticos e em João, na cena do batismo de Jesus. É o momento da sua unção messiânica, o momento em que há uma epifania da Trindade Santa, que se manifesta na voz do Pai – *Tu és o meu Filho amado* – e na presença do Espírito, que desce sobre Jesus “*como pomba*” ou, como precisa Lucas, “*em forma corporal, como pomba*” (Lc 3,22). Escrevi, anos atrás, um artigo a respeito⁵, explicando que o símbolo da pomba, nesse momento, designa exatamente o modo como Jesus haveria de exercer o seu messianismo: não pela força, não

² Inclusive na assinatura do documento, ele escreve, simplesmente, “Francisco”, sem o “PP” de papa.

³ A Bula é dirigida “a quantos lerem esta carta”, enquanto a Encíclica *Evangelii Gaudium*, de 23-11-2013, é dirigida “ao episcopado, ao clero, às pessoas consagradas e aos fiéis leigos”, isto é, ao âmbito interno da Igreja católica. Já a última Encíclica, *Laudato Si’*, “Louvado sejas”, de 24-05-2015, nem explicita os destinatários, subentendidos no subtítulo “sobre o cuidado da casa comum”, cuidado a ser assumido por toda a humanidade.

⁴ *Misericordiae vultus* (MV), n. 3.

⁵ PEREIRA, Ney Brasil, “A Pomba e o Espírito”: significado de um símbolo”, revista do ITESC, “Encontros Teológicos”, Florianópolis, n. 24 (1998/1), pp. 24-34.



pela violência⁶, mas pela mansidão e misericórdia. É, aliás, o que Mateus explicita quando aplica a Jesus as palavras de Isaías sobre o Servo, que “*não quebra o caniço rachado nem apaga a mecha fumegante*” (Is 42,3; Mt 12,20).

De fato, o próprio Senhor Jesus se identifica com o Messias não violento, mas misericordioso, e exorta seus discípulos a imitá-lo nesse método de ação: “*Aprendei de mim, que sou manso e humilde no coração*” (Mt 11,29).

Ao escrever o referido artigo, eu ainda não havia percebido que Proclo, Pai da Igreja do século V, discípulo de São João Crisóstomo e, depois, seu sucessor no patriarcado de Constantinopla, apresenta exatamente a interpretação que proponho, ou melhor, que repropunho: “No primeiro dilúvio, uma pomba, trazendo no bico um ramo de oliveira, anunciava o odor de suavidade do Cristo; agora, o Espírito Santo, vindo em forma de pomba, mostra-nos *o Senhor cheio de misericórdia*”⁷.

Esta amostra de um texto patrístico, tão conciso e belo, sirva para recomendar o livro do Pe. Vinícius, jovem discípulo de São Vicente de Paulo, como precioso subsídio para este ano da Misericórdia. Enriquecido com as mencionadas ilustrações de Mark Ivan Rupnik, é um grande-pequeno livro que nos ajudará a entendermos melhor o mistério da Misericórdia do Pai, revelada na Misericórdia do Filho, a misericórdia que o Pai quer em cada um de nós⁸. *Felizes seremos se, tendo-a entendido, a pusermos em prática* (cf. Jo 13,17).

E-mail do Resenhista:
ney.brasil@itesc.org.br

⁶ Como pareceria indicar a pregação de João Batista, que anuncia a vinda de um “*mais forte, que batizará com o Espírito Santo e com fogo, e que, com a pá na mão, vai limpar sua eira*” (Mt 3,12)...

⁷ PROCLO de Constantinopla (†446), na *Oratio 7 in sancta Theophania*, trad. e cit. na “Liturgia das Horas” vol. I, p. 540.

⁸ Cf PEREIRA, Ney Brasil, “Misericórdia, amor, bondade. A misericórdia que Deus quer”, in REB, Petrópolis, vol. 76, num. 301 (jan./mar. 2016), pp.199-210 e também em “Encontros Teológicos”, revista da FACASC, Florianópolis, n. 71 (2015/2), pp. 125-138.



“RESSURREIÇÃO” – O FILME

Ney Brasil Pereira*

Resumo: O autor analisa o filme “Ressurreição”, título original “Risen”, de Kevin Reynolds, lançado em março de 2016 com pouco sucesso de público e juízo desfavorável da crítica. O tema do filme são os acontecimentos que ocorreram entre a morte de Jesus e sua ascensão, acontecimentos seguidos por um oficial romano, incumbido de descobrir o que aconteceu com o corpo do crucificado. O fio dessa “trama policial” liga a sequência dos fatos narrados nos quatro evangelhos. O autor reproduz a crítica, bastante negativa, de Alysson Oliveira, e depois a comenta e questiona, sendo de opinião de que o filme é uma contribuição válida, mesmo excelente, para a filmografia sobre Jesus.

Abstract: The author analyses the film “Resurrection”, original title “Risen”, directed by Kevin Reynolds, launched in March 2016 with meagre success of public and unfavorably judged by the critics. Theme of the film are the events that happened between Jesus’ death and his Ascension, events followed by a Roman officer, entrusted of discovering what happened with the corpse of the crucified. The thread of this “police plot” ties the sequence of the facts narrated in the four gospels. The author reproduces the critique, very negative, by Alysson Oliveira, and afterwards he comments and questions it, being of opinion that this film is a valid, even excellent, contribution to the Jesus’filmography.

Vi o filme quatro vezes. Na primeira vez, o ritmo pareceu-me um pouco lento, mas o conteúdo motivou-me a revê-lo, e a apreciá-lo cada vez mais positivamente. Por isso mesmo estranhei o fraco sucesso na bilheteria, aqui em Florianópolis e, pelo jeito, um pouco por toda parte, apesar de ter havido certa publicidade no ambiente religioso. A única opinião de um crítico que li, muito negativa, é a que encontrei na internet, assinada por **Alysson Oliveira**, do Cineweb. Alysson é jornalista e crítico de cinema, Mestre em Letras pela FFLCH-USP, e doutorando na mesma instituição. Não sei qual a sua convicção religiosa, nem qual o seu conhecimento dos dados bíblicos dos evangelhos como literatura, especialmente dos fatos naquele intervalo de tempo entre a crucifixão (fato histórico, que os historiadores situam no ano 30 ou no ano 33 da nossa era), até a ascensão de Jesus (fato meta-histórico, sobre o qual os evangelistas, com a exceção de Lucas, praticamente não falam).

* Mestre em Ciências Bíblicas. Ex-membro da Pontifícia Comissão Bíblica. Professor emérito da FACASC. Presbítero da arquidiocese de Florianópolis.



Antes, porém, de eu expor a minha opinião, creio que vale a pena, em nome da honestidade intelectual e, também, para que o leitor possa comparar as duas posições, ler a opinião, repito, bastante negativa, mas também informativa, de Alysson:

*“Ressurreição” é um filme com uma séria crise de identidade: é uma fantasia bíblica ao modo antigo ou um neo-noir pós-moderno situado na antiguidade? Em qualquer uma das duas opções, o longa dirigido por **Kevin Reynolds** – cujo currículo inclui o rejeitado “Waterworld: O Segredo das Águas” – não funciona bem, porque não sabe o que gostaria de ser e tenta fingir que não é uma produção religiosa. Mas sua metade final, que mais parece uma missa, não nega os objetivos.*

*Distante de sua fama de “Shakespeare Apaixonado” (1998), **Joseph Fiennes** é Clavius, um militar romano designado para provar que Cristo – aqui chamado pelo nome hebreu Yeshua – está realmente morto, e não ressuscitado dos mortos, como insistem seus seguidores. O próprio protagonista viu não apenas a crucificação, mas também se certificou de que o corpo fosse colocado numa caverna fechada com uma pedra pesada amarrada e selada com lacre.*

*Seguindo as ordens de Pôncio Pilatos (**Peter Firth**), Clavius começa a investigar o que aconteceu com o corpo depois de seu sumiço. O longa, cujo roteiro é assinado pelo diretor e **Paul Aiello**, torna-se um filme de detetive, com direito a um parceiro para o protagonista, na figura de Lucius (**Tom Felton**, também distante da fama da série “Harry Potter”), que mais o questiona do que ajuda.*

*Quando, finalmente, Clavius encontra Yeshua (**Cliff Curtis**) vivo, o filme se torna uma fantasia sobre a fé e o poder transformador desta. Quando ele vê o homem intacto e saudável conversando alegremente com seus discípulos, seu ceticismo é abalado. Reynolds imagina então a peregrinação de Jesus e seus companheiros tentando proteger sua nova vida, e, ao mesmo tempo, levando sua palavra a outros povos. Clavius, afinal, torna-se uma testemunha ocular disso tudo. A grande questão do filme – se Cristo ressuscitou ou não – logo é resolvida, e o que havia de interessante vai embora junto com a dúvida. O que sobra são infundáveis minutos de pregação religiosa e uma piada misógina envolvendo o nome de Maria Madalena (María Botto) num vestiário cheio de soldados.*

Aparentando um orçamento não muito generoso, “Ressurreição” conta com efeitos especiais grosseiros e um senso estético pouco apurado em sua cafonice que beira o kitsch – especialmente nas cenas finais envolvendo uma pescaria (uma metáfora para pescar peixes e novos fiéis) e a subida de Jesus de Nazaré aos céus. O que o filme traz de diferente é um Cristo interpretado por um ator maori, contrariando a visão clássica dele



louro e de olhos azuis. No fim, o que resta mesmo é aguardar pelo filme de Rodrigo García sobre os 40 dias de Cristo no deserto, protagonizado por Ewan McGregor – ou rever clássicos, como o belo “O Evangelho Segundo São Mateus” (64), do italiano Pier Paolo Pasolini.

Agora, contrastando totalmente com a opinião do Alysson, uma breve apreciação minha, escrita em 30 de março, dois meses atrás, para o Instituto Humanitas, da Unisinos, São Leopoldo, RS: “Achei-o uma digna apresentação cinematográfica do mistério fundamental da nossa fé cristã, apresentado sob a roupagem da busca policial, por parte de um tribuno romano cético (Joseph Fiennes, o “Shakespeare apaixonado”, excelente), daquele estranho cadáver roubado e daqueles discípulos pobretões que dizem que Ele está vivo e que, quando menos se espera, aparece... inclusive na Galileia. Os escassos e diversos dados evangélicos aparecem unificados dentro da trama, constituindo uma profunda meditação sobre o mistério do crucificado/ressuscitado. [...] Creio que é um filme que se presta excelentemente para cineforuns em nossas comunidades”.

Nesta altura, mesmo não sendo crítico de cinema, mas cinéfilo, e na minha condição também de teólogo e, por meus estudos de mestrado, bom conhecedor do texto dos evangelhos na sua língua original, creio que posso, e vale a pena, comentar e questionar algumas das afirmações de Alysson (cf. supra). Por motivos de clareza, vou enumerá-las:

1. “Ressurreição”, o filme, não é “uma fantasia bíblica”, no sentido de que, mesmo não fazendo distinção entre as diferenças dos relatos evangélicos¹, unificando-os e interpretando-os a serviço da trama “policial”, os fatos apresentados têm base histórica. Claro que a representação da ascensão, narrada muito sucintamente por Lucas, num único versículo (Lc 24,52), no filme é relativamente fantasiosa: Lucas a situa em Jerusalém, enquanto o cineasta a situa na Galileia, misturando dados de

¹ Exatamente porque chegaram até nós quatro evangelhos, diferentes e semelhantes entre si, cada um deles deve ser lido na sua singularidade. Podemos, é claro, compará-los, mas não unificá-los. Há publicações, nas várias línguas, também no Brasil, que apresentam os quatro evangelhos em “sinopse”, em colunas, um ao lado do outro, cada um na sua especificidade. Já de meados do século II conhecemos uma tentativa de harmonizá-los, reduzindo-os a uma narrativa só, o chamado *Diatéssaron* de Taciano, mas essa tentativa não vingou. A Igreja, mesmo diante do fato das discrepâncias entre um evangelho e outro, preferiu manter, na sua individualidade, os quatro textos, cujas edições críticas, na língua original, o grego da *koiné*, estão a disposição de qualquer interessado.



João e de Mateus. Quanto ao “neo-noir pós-moderno”, confesso que não entendi.

2. Não me pareceu que o diretor, Kevin Reynolds, “tenta fingir que não é uma produção religiosa”, e que “a metade final mais parece uma missa”: primeiro, a missa é bem outra coisa...; segundo, não vejo como, ou por que, o diretor estaria “tentando fingir que não é uma produção religiosa”. Afinal, que entende o crítico por “produção religiosa”?
3. Não me parece que Joseph Fiennes, neste filme, no papel central de Clavius, esteja “muito distante de sua fama de *Shakespeare Apaixonado*”, rodado dezoito anos atrás. Claro que é um papel totalmente diferente e, como militar romano correto, cético, honesto, carrega a responsabilidade do filme. Creio que o faz bastante bem.
4. Também não me parece que, a partir do momento em que Clavius encontra Yeshua, Jesus, vivo, no meio dos discípulos, “o filme se torna uma fantasia sobre a fé e o poder transformador desta (sic)”. Por que “fantasia”? “Fantasia”, se “o poder transformador” da fé é uma experiência humana real, comprovada através dos séculos, testemunhada até com o sacrifício da própria vida por aqueles que a viveram e a vivem?
5. Não me parece que “a grande questão do filme – se Cristo ressuscitou ou não – é logo resolvida”, e que “o que havia de interessante vai embora junto com a dúvida”. A meu ver, a trama demora suficientemente, com bastante suspense, até que Clavius surpreenda o grupo dos discípulos em torno de Yeshua redivivo, inclusive mostrando os sinais das chagas ao retardatário Tomé. Esse encontro, porém, não resolve a dúvida de Clavius nem a curiosidade do espectador. E “o que sobra” não são “infindáveis minutos de pregação religiosa”. Pelo contrário, o que sobra é o deslocamento dos discípulos para a Galileia, segundo a informação de Mateus e Marcos. Clavius os segue, primeiro à distância, depois juntando-se a eles, agora perseguido como desertor. É bela a cena da chegada ao lago de Genesaré, contemplado do alto, e do que segue depois, seguindo as informações do capítulo 21 de João, e terminando com o final de Mateus 28.
6. Quanto a Maria Madalena, em vez da “piada misógina envolvendo seu nome num vestiário cheio de soldados” –



detalhe, por outro lado, interessante, por aliviar a tensão da busca de testemunhas – eu destacaria a beleza do rosto da atriz (Maria Botto), iluminando-se ao falar do seu encontro com o Ressuscitado.

7. Quanto aos “efeitos especiais grosseiros e um senso estético pouco apurado em sua cafonice que beira o kitsch” – tirada típica de um crítico que também recorre a clichês – Alysson destaca, negativamente, “as cenas finais envolvendo uma pescaria [...] e a subida de Jesus de Nazaré aos céus”. Quanto à pescaria, com o que antecedeu e o que seguiu, parece-me uma interessante versão cinematográfica da narrativa do capítulo 21 de João. Quem conhece o texto joanino, ao mesmo tempo enxuto e cheio de detalhes, reconhecerá que o cineasta foi relativamente bem sucedido. A cena da “subida aos céus”, segundo Mateus 28,16-20, não é uma “subida” (detalhe de Lucas), mas uma despedida e um afastamento: é o que faz o cineasta, embora aí recorra a um “efeito especial” de iluminação, compreensível no seu contexto, não necessariamente “kitsch”.
8. No final de sua crítica, Alysson, decepcionado com “Ressurreição”, sugere “rever clássicos, como o belo ‘*O Evangelho segundo São Mateus*’, de Pier Paolo Pasolini (1964)”. Claro que o filme de Pasolini, na sua modelar sobriedade, é outra coisa. Mas, à sua maneira, este filme de Kevin Reynolds também merece ser visto. E, como eu fiz, convém revê-lo.

Só para terminar, ressalto a boa ambientação do filme no contexto de uma Jerusalém ocupada pelos romanos. O filme começa e termina com Clavius, desarmado, andando pelo deserto da Judeia, rumo de Jerusalém. De repente, a câmara focaliza o entrevero entre um destacamento da Legião X, comandado por Clavius, e revoltosos judeus encastelados numa encosta. Vitoriosos, os legionários entram na capital, onde Clavius logo recebe, de Pilatos, a incumbência de assegurar a ordem pública em torno às cruzes de três condenados, entre os quais, Yeshua de Nazaré, já morto. O que segue, já foi comentado acima. Repito, a meu ver, vale a pena ver esse filme.

E-mail do Resenhista:
ney.brasil@itesc.org.br